

Editorial

Numa obstinada e empolgada interrogação sobre a organização dos saberes na contemporaneidade, Cronos prossegue, neste número, nos caminhos do pensamento complexo implicando-se nos movimentos do repensar os diferentes domínios da vida do homem nas suas relações na sociedade e com a natureza. Cronos encontra-se definitivamente engajada no movimento de retorno sobre si do conhecimento científico sob o imperativo da ética de responsabilidade no ato de se conhecer e de se refletir. Este é o seu sentido de participação no círculo daqueles que tentam fazer, deste momento, um prelúdio de uma nova forma de lidar com o conhecimento.

Tem-se muito discutido, porém, não ainda exaustivamente, o fato de o conhecimento do homem e do mundo ter sido contaminado por atitudes reducionistas e mutiladoras vindo afetar, em grande escala, não só o *modus operandi* na ciência, como o *modus vivendi* do homem em sociedade. Inquietações partilhadas quanto à “escalada da insignificância” ou o “conformismo generalizado”, como dizia Cornelius Castoriadis, impulsionam cientistas e pensadores contemporâneos a se lançarem na busca de “antídotos” contra o esfacelamento do conhecimento, a desertização do saber e a linearização das representações do mundo e do homem, bem como contra o endurecimento dos corações. A esse propósito, lembremo-nos do que já dizia Baudelaire: a derrocada universal não advirá das instituições políticas mas do amesquinamento dos corações.

O dossiê da complexidade, deste número, reúne textos de autores que compartilham essas preocupações ao problematizar diferentes temas nos campos social, cultural e científico e se orientam pelo princípio da reforma do pensamento. Os textos tonalizam uma disponibilidade para o exercício dialógico e expõem reflexões que projetam olhares para aspectos singulares (o feminino, a educação, o saber, o urbano, o espaço, o tempo,) que se constituem, ao mesmo tempo, em questões planetárias fundamentais que dizem respeito às experiências dos homens no conjunto das sociedades contemporâneas. Tratam-se de indagações pungentes e estimuladoras que procuram outras figuras do pensável pela: reconceituação da formação educacional, hoje e no futuro, primando a inseparabilidade das culturas científica e humanística; reinvenção da vida urbana a partir do caos; conexão dos diversos traços da paisagem do mundo dispersos, físicos e humanos, orientando-se pela proposta de uma “geografia humana”; recriação de atitudes e representações acerca da feminidade, ainda hoje, asilada nos paradigmas do genérico masculino e capturada no jogo de poder que não reconhece a alteridade; reinterpretação da dimensão temporal nos domínios da natureza e da cultura, postulando o tempo como a emergência de novas figuras advindas da ruptura do determinismo. Finalmente, é preciso, mais uma vez, dizer: no bojo das discussões sobre a complexidade do objeto, faz-se presente a concepção da “inextricabilidade do mundo e do sujeito”, tornando incontornável o debate simultâneo sobre a complexidade do sujeito. Afinal, “o sujeito se complexifica pelo conhecimento, como este se complexifica pelo sujeito”.

A seção artigos expõe um conjunto de reflexões acerca de temas heterogêneos: uma curta e incisiva denúncia dos procedimentos inquisitoriais das comissões de avaliação universitárias; o medo como

construção social significativa para se compreender as formações societárias; os impasses da consolidação do regime republicano no Brasil, com ênfase para a disputa ideológica que se revela na construção discursiva dos atores políticos relevantes na cena política do Rio Grande do Norte; a exploração das virtualidades que certas versões do pensamento conservador abrem para se proceder à crítica da razão tecnológica.

Norma Missae Takeuti

José Antonio Spinelli Lindoso